

## A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE NA OBRA "AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE", DE JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>

Mariana Grigol<sup>2</sup>

Sabrine Weber<sup>3</sup>

### Resumo

A literatura ultrapassa os limites da criação artística, ampliando o horizonte do leitor para o novo, o inusitado, causando inquietações e reflexões através da ficção, e proporcionando experiências possíveis apenas no mundo ficcional. José Saramago, escritor português, discute, analisa e representa, por meio de suas narrativas, as complexidades do mundo e do homem moderno, as relações sociais e os acontecimentos históricos. Considerando o viés da literatura pós-moderna e as perspectivas e possibilidades de reflexão em diferentes ângulos e liberto dos preconceitos vigentes, torna-se objeto de estudo do presente artigo, a figura da morte na obra "As intermitências da morte", de José Saramago, com vistas a analisar o processo de personificação: partindo da carta de cor violeta e sucedendo pelos estágios de corporificação e humanização da protagonista (morte) e, por conseguinte, sua relação com a figura feminina.

**Palavras-Chave:** Literatura. Morte. Personificação. José Saramago.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura, como arte da palavra, permite que o leitor conheça a sociedade de diferentes épocas em suas particularidades por intermédio do discurso do autor do texto, possibilitando realizar uma leitura do mundo a partir do seu ponto de vista, apropriando-se do conhecimento produzido pelo homem como ser histórico, sendo um instrumento para interpretar e compreender relações sociais, bem como suas transformações. Antoine Compagnon (2009, p. 30), em uma aproximação com conceitos da filosofia clássica, assevera que "é graças à *mimesis* (traduzida hoje por representação ou ficção, de preferência imitação) que o homem aprende, ou seja, pelo intermédio da literatura entendida como ficção. A literatura deleita e instrui". Em acréscimo, a literatura humaniza, em um processo de apropriação de conhecimento e análise do cotidiano, fazendo com que o homem desenvolva, conforme aponta

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do trabalho final apresentado como conclusão do curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura, pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Xanxerê.

<sup>2</sup> Autora. Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Pós-graduanda do curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura, pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, campus de Xanxerê. E-mail: [mariana.grigol@gmail.com](mailto:mariana.grigol@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [sabrinegweber@gmail.com](mailto:sabrinegweber@gmail.com).

Antonio Candido:

aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

A liberdade da criação literária viabiliza situações-problema, fatos e relações desprendidas dos pré-conceitos existentes na sociedade, dando ao leitor a oportunidade de refletir sobre circunstâncias até então impossíveis de acontecer. Quando a literatura apresenta essas impossibilidades, ela faz com que seja necessário analisar aquela situação-problema sob um ponto de vista que é desvinculado daquilo que já está posto em sociedade, os pré-conceitos, tomados por habituais, e isso inquieta, motivando à reflexão.

Além de possibilitar ao sujeito a interpretação do mundo a partir do ponto de vista do leitor em relação ao cotidiano e à sociedade, sabe-se que a Literatura permite o acesso a informações baseadas no imaginário do autor, as quais vêm do cenário vivenciado por este. Segundo Carvalho (2006),

a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistemas incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária (CARVALHAL, p.85-86)

Dessa forma, um texto não é dotado de um único sentido, ele é polissêmico. O autor não é um deus, soberano para criar um sentido uno, cada leitor produz a sua interpretação e significa sua leitura de forma diferente. Além disso, a compreensão do texto também parte do contexto apresentado na significação dada pelo autor e na re-significação do leitor. Nesse viés, Candido (2006) defende que a Literatura age sobre os leitores e a obra só existe se existir um receptor para a decifrar, aceitar, deformar. Ainda: “a obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito.” (CANDIDO, 2006, p. 84).

Em se tratando de criação artística, o texto literário tem forte apelo estético, dando ao autor autonomia não apenas de pensar ideias autênticas, mas também

para utilizar um estilo próprio de escrita, uma espécie de identidade autoral, que caracteriza o trabalho do escritor e o torna singular.

A cada nova leitura, o leitor ressignifica suas leituras, produz novos sentidos, interpreta de uma nova maneira o mesmo texto, visto que, de acordo com Umberto Eco (2011, p.12) “as obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida”.

Por isso, embora a literatura não tenha o poder de modificar diretamente a realidade, ela é capaz de fazer com que o leitor reavalie o contexto no qual está inserido e as diferentes situações que o cercam, refletindo sobre a própria identidade, construindo-a, adaptando-a de acordo com suas impressões e necessidades (CANDIDO, 2004), bem como ressignificando o mundo, as relações sociais e os acontecimentos históricos.

A obra “As intermitências da morte”, de José Saramago, apresenta esse contexto de impossibilidades ao tornar a morte personagem do enredo, personificada em uma mulher. Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar o processo de personificação: principiando pela carta de cor violeta, seguindo pela corporificação e humanização da protagonista (morte), e, por conseguinte, sua relação com a figura feminina.

Para a análise, foi escolhido como recorte a carta escrita pela morte presente no Capítulo 6, suponho, devido à impressão das páginas seguindo o padrão capitular. O livro não tem a numeração de capítulos. Ocorre a quebra da narrativa, com o espaço em branco na página, iniciando na folha seguinte, sem que haja qualquer menção sobre qual capítulo o enredo está desenvolvendo. A partir da leitura e análise da carta referida, busco identificar como a morte inicia sua personificação, partindo desta carta. Desse modo, a carta é o ponto inicial da análise, o que permite explicar o processo de personificação, através dos estágios da materialização da morte, como também sua humanização na narrativa em estudo.

Para isso, este artigo apresenta a identidade autoral de José Saramago, relacionando-a com as características da produção artística pós-moderna. Também é apresentado sinteticamente o enredo da obra “As intermitências da morte”, objeto deste estudo, a fim de situar o processo de personificação na narrativa.

## 2. A LITERATURA PÓS-MODERNA E A IDENTIDADE AUTORAL DE JOSÉ SARAMAGO

Na perspectiva de criação de mundos e contextos novos, a literatura pós-moderna assume papel importante na produção artística literária uma vez que não são apenas novos contextos, mas uma nova forma de narrar, novos estilos e relações entre autor-obra e obra-leitor. Conforme Fernandes,

o grande desafio é perceber como as perspectivas pós-modernas são trabalhadas, na obra de cada um, e como se articulam, em cada um deles, com temas e questões que emergem do contexto cultural e político em que se inserem. O que denomino como perspectivas pós-modernas refere-se não somente a procedimentos narrativos específicos, mas a formas de percepção do mundo e do ser, bem como a modos de agir e reagir diante de certas motivações sociopolíticas, que integram uma mentalidade pós-moderna. Modos de comportamento esses que atuam na forma como se constrói grande parte das narrativas produzidas a partir dos anos 1960. (FERNANDES, 2010, p. 2)

A literatura pós-moderna aborda, pois, a obra sob o viés de cada um, criando uma identidade autoral própria, apresentando situações inquietantes, surreais, a fim de provocar catarse, como resultado da leitura e análise do texto literário.

Embora seja difícil à consciência pós-moderna atribuir à arte missão emancipadora, engajada em grandes projetos de revolução social, a análise de muitas produções confirma como as diferentes linguagens da arte ainda podem ter a função essencial de transformar sensibilidades, alterar imagens e mudar a percepção do real. (FERNANDES, 2010, p. 8)

Dentre os escritores pós-modernos, destaca-se José Saramago, que nasceu em 1922, de uma família de camponeses da província do Ribatejo, em Portugal. Além de escritor, desempenhou atividades profissionais de serralheiro mecânico, desenhista, funcionário público, editor, jornalista, entre outras.

Teve seu primeiro livro, "Terra do pecado", publicado em 1947. Ao longo dos anos, desenvolveu uma identidade narrativa própria, marcada pela ausência de nomes para os personagens, o diálogo nas narrativas não apresenta marcadores discursivos e sinais de pontuação, os períodos e parágrafos são longos, e o narrador é intruso nas falas e pensamentos dos personagens.

Sua autenticidade e enredos peculiares fizeram com que passasse a viver exclusivamente da literatura em 1976. Em 1998, tornou-se o primeiro autor da

Língua Portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura com as obras “O ano da morte de Ricardo Reis”, “O evangelho segundo Jesus Cristo” e “Ensaio sobre a cegueira”. Em 2005, José Saramago recebeu novamente o Prêmio Nobel de Literatura com a obra “As intermitências da morte”, obra que é objeto de análise do presente artigo.

A narrativa de “As intermitências da morte” inicia com o momento do ano novo, no badalar da meia-noite, a partir do qual, pelo período de seis meses, ninguém mais morreu. A morte deixa de acontecer nesse país sem nome e, a partir daí, o povo experimenta a alegria da vida eterna, no primeiro momento. À medida que o tempo passa, os problemas decorrentes da ausência da morte passam a se agravar: os hospitais e asilos ficam superlotados, há falta de enfermeiros para cuidar dos moribundos, colapso no sistema de saúde, falência das empresas funerárias e de planos de saúde, o que gera o caos.

A necessidade da morte para resolver tamanha desordem resulta em complicações sociais e políticas. Uma família de agricultores, por exemplo, cruza a fronteira em busca da morte no país vizinho e lá encontra o que procura. Logo a notícia se espalha e as fronteiras passam a ser zona de conflito internacional, sendo necessária intervenção militar nas fronteiras do país. Com o caos instaurado, e tendo comprovada como indispensável, a morte surge na história, através de uma carta de cor violeta, endereçada ao diretor geral da televisão nacional.

É possível perceber a irrelevância dos nomes diante das situações pelas quais passam os personagens, nem mesmo o país no qual ocorre o período das intermitências possui nome, da mesma forma que a morte, ao assinar a carta de cor violeta, assina com letra minúscula, reforçando a ideia de que as convenções gramaticais são meras normas, que não convém dedicar-se a elas. Destaca-se também que é utilizada como assinatura a expressão pela qual é conhecida entre os seres humanos, não necessariamente um nome.

A identidade autoral de Saramago mostra como o enredo se sobressai em relação às normas, não só na escrita do texto como na representação dos personagens. A protagonista toma forma em um processo de personificação que transita entre a morte símbolo, a morte remetente de uma carta e a morte humana, na figura de uma mulher.

### 3 A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

Em “As intermitências da morte”, é narrado o período de seis meses em que não ocorria mais a morte em um país sem nome. Os personagens também não possuem nomes próprios, são identificados pela função/profissão que desempenham na sociedade, conforme o trecho selecionado exemplifica:

Tudo, ou quase tudo, para sermos mais precisos, se passou como o ministro havia previsto. Exactamente à hora marcada, nem um minuto antes, nem um minuto depois, o emissário da associação de delinquentes que a si mesma se denomina máphia telefonou para ouvir o que o ministério tinha para dizer. o director de serviço desobrigou-se com nota alta da incumbência que lhe havia sido adjudicada, foi firme e claro, persuasivo na questão fundamental, isto é, os vigilantes permaneceriam nos seus lugares, porém desactivados [...] (SARAMAGO, 2017, p. 53)

Nesse período de pausa nas atividades da morte, a comunidade vivenciou a sensação de vida eterna e defrontou-se com alguns efeitos da ausência da morte. A morte é simbólica no início da história e o narrador, em 3ª pessoa, descreve situações de euforia e patriotismo por serem agraciados com a vida eterna.

O narrador observador intruso detalha os fatos e dialoga com o leitor apresentando suas impressões e revelando sentimentos e emoções que ocorrem no íntimo dos personagens, por meio de comentários que quebram e ao mesmo tempo complementam a narrativa. Tal abordagem é possível de ser visualizada no trecho a seguir.

**Muito mais que uma hecatombe.** Durante sete meses, que tantos foram os que a trégua unilateral da morte havia durado, tinham-se ido acumulando em uma nunca vista lista de espera mais de sessenta mil moribundos, exactamente sessenta e dois mil quinhentos e oitenta, postos de uma vez em paz por obra de um instante único, de um átimo de tempo carregado de uma potência mortífera que só encontraria comparação em certas repreensivas acções humanas. **A propósito, não resistiremos a recordar** que a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem. (SARAMAGO, 2017, p. 107, grifos nossos)

Passada a euforia, surgem conflitos e situações que só seriam resolvidos se a morte tornasse a acontecer. O caos predomina e a situação está quase incontrolável quando a morte surge, na figura de um remetente de uma carta de cor violeta deixada misteriosamente para o diretor-geral da televisão nacional. A carta completa pode ser acessada no Anexo A.

O processo de personificação da morte inicia-se quando a morte deixa de ser simbólica e assume a posição de remetente da carta, surgindo soberana e, ao mesmo tempo, humilde, porque, sendo a autoridade suprema para o fim da vida, ela prova ser a única capaz de resolver o caos instaurado nos fatos que antecederam a entrega da carta - o período de 6 meses de intermitências da morte, o qual ela chama de prova de resistência. Além disso, modestamente ela reconhece sua crueldade ao ceifar vidas sem prévio aviso, impedindo resoluções que deveriam ser feitas antes do fim da vida.

O enredo da narrativa, situado no caos, ressignifica a importância de morrer, bem como a ótica da morte como solução para as enfermidades que acometem o ser humano de forma brutal, causando dor e sofrimento, sem possibilidade de cura. Os fatos que antecedem à carta são uma justificativa para a necessidade de morrer. Os asilos e hospitais ficam superlotados, há falta de profissionais para cuidar dos moribundos, instaura-se uma crise financeira que atinge principalmente os planos de saúde e a indústria funerária, além do surgimento de uma organização clandestina que se autodenomina “maphia”, para tratar das questões do transporte ilegal dos desfaledidos para encontrarem a morte além das fronteiras do país. Tudo isso reforça a importância da morte, mostrando os problemas a serem enfrentados e a seriedade das consequências para a sociedade, caso a morte não acontecesse.

A partir do momento em que a carta da morte se torna pública, as pessoas têm ciência da situação que estavam vivendo e a personagem morte - remetente - passa a agir de acordo com os propósitos firmados na carta, ao passo que tem que lidar com situações que fogem ao seu controle, como é o caso da carta enviada ao violoncelista e que retorna toda vez que é enviada. O violoncelista é o destinatário da carta de cor violeta que retorna ao remetente todas as vezes em que é enviada. Um homem de quarenta e nove anos, com poucos cabelos restando na cabeça, e estes, brancos, nem feio, nem bonito, primeiro violoncelista de uma orquestra sinfônica da cidade. No fragmento abaixo, é apresentado o encontro da morte com o violinista.

Veio para ver este homem, e agora já o viu, não há nele nada de especial que possa explicar as três devoluções da carta de cor violeta, o melhor que terá a fazer depois disto é regressar à fria sala subterrânea donde veio e descobrir a maneira de acabar de vez com o maldito acaso que tornou este serrador de violoncelos em sobrevivente de si mesmo. [...] O homem que dorme não tem nenhuma culpa do que sucedeu com a carta de cor violeta,

nem por remotas sombras poderia imaginar que está a viver uma vida que já não deveria ser sua, que se as cousas fossem como deveriam ser já estaria enterrado há pelo menos oito dias [...] (SARAMAGO, 2017, p. 152)

Esse inconveniente faz com que ela precise ser mais do que um remetente, chegando ao auge da personificação quando ela se torna humana, assumindo a forma de uma mulher. A descrição da mulher-morte a apresenta com uma beleza que hipnotiza, que o violoncelista não consegue definir e que o inquieta.

A morte não apenas se personifica, como também se humaniza. Ela passa a viver situações e experimentar emoções e sensações propriamente humanas: desde o reconhecimento singelo da frieza com que agia antes do período das intermitências, até a inquietação decorrente do estorno da carta enviada ao violoncelista, a curiosidade, o jogo de sedução, os desejos e frustrações que apenas meros mortais poderiam experimentar.

Devido à identidade autoral de Saramago e às particularidades de sua escrita, elementos textuais do gênero carta não estão marcados visualmente na página - vocativo, assinatura, despedida - no entanto há registros ao longo do texto que permitem reconhecer se tratar de uma carta.

A carta e a narrativa se fundem, embora seja possível perceber o vocativo - senhor director-geral da televisão nacional, estimado senhor - a despedida, a assinatura - assino com o nome com que geralmente se me conhece, morte - e a personalidade - para os efeitos que as pessoas interessadas tiverem por convenientes venho informar - com a qual a morte escreve ao diretor geral da televisão nacional e também em uma correspondência posterior enviada a redação do jornal, exigindo uma retificação pelo erro ao nomeá-la Morte, “com letra grande”, como ela mesma afirma. Além disso, o narrador é intruso durante a leitura da carta, fazendo comentários à medida que é lida para o público.

José Saramago apresenta a morte no enredo de “As intermitências da morte” sob diferentes perspectivas, trazendo uma visão da morte mais humana, sob um viés que foge aos padrões da frieza e crueldade da qual habitualmente encontrados nas referências a ela – a figura macabra encoberta por um manto negro, a caveira, a velha amarga e indiferente às dores humanas.

Nessa personificação, para chegar à mulher morte, a personagem transforma-se lentamente, partindo de um remetente da carta, transmutando-se da

velha caveira enrolada em lençóis, em estágios de corporificação. Em um ápice de raiva devido ao estorno, pela terceira vez, da carta enviada ao violoncelista, acontece o primeiro estágio.

a pouco e pouco vão-se-lhes esbatendo os contornos, o que era sólido torna-se gasoso, espalha-se em todos os sentidos como uma neblina ténue, é como se o esqueleto estivesse a evaporar-se agora já não é mais que o esboço impreciso através do qual se pode ver a gadanha indiferente [...] (SARAMAGO, 2017, p. 99)

Na própria carta, a morte fala sobre a gadanha – ferramenta de corte, usada para ceifar cereais – que ao longo do tempo foi pintada nas representações da morte como instrumento para ceifar vidas:

[...] devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre [...] (SARAMAGO, 2017, p. 99)

O segundo estágio da corporificação da morte acontece quando ela está no apartamento do violoncelista e percebe sensações até então inusitadas para ela que há tanto convivia com os vivos. Tendo ela uma forma mais ou menos humana, mas não ao ponto de ter pernas e pés, ela passeia e observa o lugar, atenta aos detalhes na tentativa de compreender como este homem é a causa das três devoluções da carta violeta.

Ainda no apartamento do violoncelista, após detalhada análise do homem e do lugar e com suas convicções cheias de questionamentos, a morte completa sua corporificação:

Então aconteceu algo nunca visto, algo não imaginável, a morte deixou-se cair de joelhos, era toda ela, agora, um corpo feito, por isso é que tinha joelhos, e pernas, e pés, e braços, e mãos, e uma cara que entre as mãos se escondia, e uns ombros que tremiam não se sabe porquê [...] (SARAMAGO, 2017 p. 152)

Isso decorre da liberdade criativa que a Literatura permite nas narrativas e, na obra em questão, a morte constitui um personagem que é construído ao longo da narrativa. Primeiramente, em uma descrição de suas atividades padrões – o ato de matar – na tentativa de justificar a importância desse ato, para, posteriormente, diante do reconhecimento do valor da morte, personificá-la na figura de uma mulher.

Figura 1 - Estágios da personificação da morte



Fonte: elaboração própria.

A definição da morte como mulher, sexo feminino, é apresentada ao longo da narrativa e reforçada no enredo, desde a tentativa de reconstrução do rosto da morte em três caveiras de mulher, com o intuito de descobrir o endereço para uma possível negociação dos termos da carta, até o grafólogo que analisa a carta manuscrita da morte referindo-se à caligrafia da autora da carta e não de um autor.

Uma única coisa havia ficado demonstrada por cima de qualquer dúvida, a saber, que nem a iconografia mais rudimentar, nem a nomenclatura mais enredada, nem a simbólica mais abstrusa se haviam equivocado. A morte, em todos os seus traços, atributos e características, era, inconfundivelmente, uma mulher. (SARAMAGO, 2017, p. 128)

A assinatura da carta corresponde apenas à palavra “morte”, sem definição de artigo masculino ou feminino. Por outro lado, o que permite reconhecer a figura como feminina é a referência que o violoncelista faz à mulher do camarote - morte - que assistiu ao ensaio da orquestra sem pedir permissão ao maestro.

Nos estudos já publicados a respeito da temática da *morte* na obra de Saramago, são encontradas leituras sobre a morte de forma simbólica, como em Ferreira (2011) e Trindade (2012), mas a personificação da Morte, a personagem, não foi explorada. A carta de cor violeta, etapa inicial da personificação da

personagem, não é objeto de nenhum estudo, sendo essa a importância desta pesquisa, já que a morte precisa se tornar o remetente da carta para se fazer entender pelo ser humano, ao mesmo tempo que, ser apenas remetente não atende todas as necessidades da morte, sendo imprescindível que ela assuma a forma humana, a mulher.

Sozinha, durante todas aquelas horas, a gadanha procurou uma explicação para o insólito facto de a morte ter saído por uma porta cega que, desde o momento em que a tinham colocado ali, parecia condenada para o fim dos tempos. Por fim desistiu de dar voltas à cabeça, mais tarde ou mais cedo terá de acabar por saber o que está a passar-se ali atrás, pois é praticamente impossível que haja segredos entre a morte e a gadanha como também os não há entre a foice e a mãe que a empunha. Não teve de esperar muito. Meia hora teria passado num relógio quando a porta se abriu e uma mulher apareceu no limiar. A gadanha tinha ouvido dizer que isto podia acontecer, transformar-se a morte em um ser humano, de preferência mulher por essa cousa dos géneros, mas pensava que se tratava de uma historieta, de um mito, de uma lenda como tantas e tantas outras [...]. (SARAMAGO, 2017, p. 180)

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura desempenha um papel social de suma importância na sociedade. É o texto literário que trará para o leitor o conhecimento da sua cultura, as relações históricas e sociais que impulsionaram mudanças significativas na nossa vida. A quebra do paradigma das convenções gramaticais em prol da liberdade de criação fez com que autores de diferentes épocas pudessem criar, sem estarem atrelados à gramática.

José Saramago traz para a ficção discussões importantes sobre a vida em sociedade e o comportamento humano diante do caos. Ao criar personagens sem nome, identificados pelo que são, ele mostra que nomes são rótulos. A própria morte renuncia ao título de Morte com letra maiúscula para assinar apenas morte, porque reconhece que Morte teria uma definição que as palavras não poderiam exprimir.

O fato de a morte ser protagonista, numa construção minuciosa e ao seu tempo, na narrativa, torna a personagem uma caricatura daquilo que seria improvável e que se consolidou numa personificação perfeita, não apenas no aspecto físico, como também humano.

A morte não só se torna mulher, ela se humaniza, sendo a carta de cor violeta o ponto-chave para que isso aconteça. Ela precisa provar sua importância, em uma prova de resistência, como ela mesma chama, durante o período de intermitências.

Até o momento em que a morte deixa de matar, a definição de morte era apenas fim da vida, algo abstrato e cruel.

Após o período das intermitências, a morte passa a ser um indivíduo, uma figura feminina, a qual ao longo do enredo insistentemente diferentes personagens tentaram definir e tornar real. Entretanto, somente ela mesma foi capaz de traduzir na mulher personificada quem ela era.

A morte passou pelo processo de personificação, experimentando sensações inusitadas e que possibilitaram sua humanização. Desde a curiosidade pelo destinatário da carta que retorna ao remetente, até o fato de pela primeira vez ela não ter o controle da situação como sempre ocorreu.

Tornar a morte protagonista de um romance, afirmando sua importância e necessidade, a empoderando e, ao mesmo tempo, atribuindo a ela fragilidades, reforçam a singularidade da identidade autoral de Saramago. A personificação não é somente tornar-se um personagem, mas um personagem humanizado, o qual, em uma sociedade em que relações são tão fragilizadas e o humano, no pós-moderno, tanto se fragmenta, Saramago nos alerta para a dupla potência de uma força e sensibilidade tão necessárias, como afirma Candido (2006, p.113); para atuação da subjetividade na sociedade.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**: edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?** Trad. Laura Bandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2003.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011. Disponível em:

<<https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/fundamentos-da-literatura-1/fun>

damentos-da-literatura-2018.1/sobre-algumas-funcoes-da-literatura/at\_download/file  
 ≥. Acesso em: 25 set. 2020.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea. **Olhos D'água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 42-55, jan. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/65/79>> Acesso em: 19 out. 2019.

FERREIRA, Sandra. Memento Mori: aspectos satírico-filosóficos em “As intermitências da morte”, de José Saramago. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. **Comunicação**. Curitiba: Ufpr, 2011. p. 1-8. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1122-1.pdf>> . Acesso em: 12 dez. 2019.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TRINDADE, Alessandra Accorsi. **Percorrendo os caminhos da morte rumo a personificação em As intermitências da morte e O triunfo da morte**. 2012. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas, Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56036/000857423.pdf?sequence=1>> . Acesso em: 25 maio 2020.

## **THE PERSONIFICATION OF DEATH IN THE BOOK "THE INTERMITTENCES OF DEATH", BY JOSÉ SARAMAGO**

**Abstract:** Literature goes beyond the limits of artistic creation, expanding the reader's horizon to the new, the unusual, causing concerns and reflections through fiction, and providing experiences only possible in the fictional world. The writer José Saramago is an author who presents a peculiar style of narrative writing, in addition to discussing, analyzing and representing the world, social relations and historical events. Considering the bias of postmodern literature and the perspectives and possibilities for reflection in different angles and freed from the prevailing prejudices, the figure of death in the work “The intermittences of death”, by José Saramago, becomes the object of study in this article, with a view to analyzing the personification process: starting from the violet color letter, and succeeding through the stages of corporification and humanization of the protagonist - death, and consequently, its relationship with the female figure.

**Keywords:** Literature. Death. Personification. José Saramago.

## ANEXO A – CARTA DE COR VIOLETA

Pigarreou um pouco para limpar a voz e começou a ler, senhor director-geral da televisão nacional, estimado senhor, para os efeitos que as pessoas interessadas tiverem por convenientes venho informar de que a partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios, desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado, devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre, isto é, eternamente, embora, aqui entre nós dois, senhor director-geral da televisão nacional, eu tenha de confessar a minha total ignorância sobre se as duas palavras, sempre e eternamente, são tão sinónimas quanto em geral se crê, ora bem, passado este período de alguns meses a que poderíamos chamar de prova de resistência ou de tempo gratuito e tendo em conta os lamentáveis resultados da experiência, tanto de um ponto de vista moral, isto é, filosófico, como de um ponto de vista pragmático, isto é, social, considereei que o melhor para as famílias e para a sociedade no seu conjunto, quer em sentido vertical, quer em sentido horizontal, seria vir a público reconhecer o equívoco de que sou responsável e anunciar o imediato regresso à normalidade, o que significará que a todas aquelas pessoas que já deveriam estar mortas, mas que, com saúde ou sem ela, permaneceram neste mundo, se lhes apagará a candeia da vida quando se extinguir no ar a última badalada da meia-noite, note-se que a referência à badalada é meramente simbólica, não seja que a alguém lhe passe pela cabeça a ideia estúpida de encravar os relógios dos campanários ou de retirar o badalo aos sinos pensando que dessa maneira deteria o tempo e contrariaria o que é minha decisão irrevogável, esta de devolver o supremo medo ao coração dos homens a maior parte das pessoas que antes se encontravam no estúdio já se havia sumido dali, e as que ainda se mantinham bichanavam baixinho umas com as outras, os seus murmúrios zumbindo sem que o realizador, ele próprio a deixar cair o queixo de puro pasmo, se lembrasse de mandar calar com aquele gesto furioso que era seu costume usar em circunstâncias obviamente muito menos dramáticas portanto

resignem-se e morram sem discutir porque de nada lhes adiantaria, porém, um ponto há em que sinto ser minha obrigação dar a mão à palmatória, o qual tem que ver com o injusto e cruel procedimento que vinha seguindo, que era tirar a vida às pessoas à falsa-fé, sem aviso prévio, sem dizer água-vai, tenho de reconhecer que se tratava de uma indecente brutalidade, quantas vezes não dei nem sequer tempo a que fizessem testamento, é certo que na maior parte dos casos lhes mandava uma doença para abrir caminho, mas as doenças têm algo de curioso, os seres humanos sempre esperam safar-se delas, de modo que só quando já é tarde de mais se vem a saber que aquela iria ser a última, enfim, a partir de agora toda a gente passará a ser prevenida por igual e terá um prazo de uma semana para pôr em ordem o que ainda lhe resta de vida, fazer testamento e dizer adeus à família, pedindo perdão pelo mal feito ou fazendo as pazes com o primo com quem desde há vinte anos estava de relações cortadas, dito isto, senhor director-geral da televisão nacional, só me resta pedir-lhe que faça chegar hoje mesmo a todos os lares do país esta minha mensagem autógrafa, que assino com o nome com que geralmente se me conhece, morte.

**Fonte:** SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 98-99.